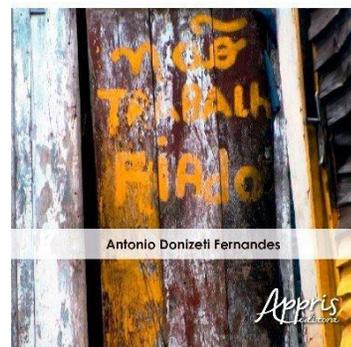


RESENHA

FERNANDES, Antonio Donizeti. *A casa e o talhão de cana* – sofrimento social e dominação personalizada. Curitiba: Appris Editora, 2017.

A CASA E O
TALHÃO DE CANA

sofrimento social e dominação personalizada



Depois do talhão de cana

DANIEL AFONSO DA SILVA*

Merece interesse, atenção e aplauso *A casa e o talhão de cana* de Antonio Donizeti Fernandes. Tangido em fina intuição de tradições e engajamentos sociológicos, antropológicos e historiográficos, o livro investiga a patologia social mais abundante de todos os tempos expressa em sofrimento induzido, desprezo calculado e escárnio estrutural. Para alguns, humilhação pura e simples. Para outros, experiência social negativa. Para todos, império mesquinho da dor. Dor produzida na exploração desmedida e desmesurada na relação capital *versus* trabalho que acaba por promover desfiguração física e moral, precarização de destinos, ubiquidade do risco, proliferação do medo, da miséria, do subemprego e do desemprego como regras sociais.

O objeto do livro são pessoas que lutam para sobreviver. Para alguns, meros trabalhadores do Brasil. Para outros, a genuína ralé brasileira. Para todos, sem rodeios, os pobres, miseráveis e oprimidos de sempre. O sal da terra. Esses que vivem na necessidade e na precisão. Que não são somente precários. Nem simplesmente lúmpens. Esses que são brasileiros que insistentemente infelizmente e involuntariamente repetem no século presente o que a arraia-miúda

escravizada por luso-brasileiros compartia nos séculos todos até 1888. São homens e mulheres – velhos e crianças também – livres. Mas existem como não fossem. Que vivem num regime não escravagista. Mas nem por isso antiescravista. Que compõem ou estão prestes a compor as estatísticas da *global slavery index* – para a qual, em 2016-2017, 48 milhões indivíduos estão submetidos funções análogas à escravidão em 167 países, sendo 161 mil escravos contemporâneos no Brasil (<https://www.globallslaveryindex.org/>).

São bóias-frias, volantes, safristas, cortadores de cana. Sobreviventes do talhão.

No transcurso do livro, esses sobreviventes vão se revelando um tipo social. Uma camada quase invisível da sociedade brasileira que consegue não sucumbir à sua sina de tristes emoções e frágeis afetos, fugazes alegrias e perenes frustrações. E, a despeito de tudo isso, além de praticar o seu “*direito à cidade*”, é capaz de esboçar felicidades sinceras no interior de tamanho sofrimento e dor.

Outrora se dizia que na senzala havia uma flor. Pois Antonio Donizeti Fernandes, com aparatos de sociólogo, antropólogo e historiador, persegue essa

flor. E, com ares de literato e paciência de psicólogo, demonstra que ela permanece viva, promovendo certa paz e alimentando certa esperança das senzalas aos mucambos às favelas às comunidades contemporâneas.

E, como sempre, é nessa paz e nessa esperança que residem a força sobre-humana dos marginais sociais em quebrar adversidades, soffrear sofrimentos, contornar o negativo das experiências minorando o ímpeto das dominações.

A mera abordagem desses temas e problemas torna *A casa e o talhão de cana* uma leitura incontornável. Notadamente nos dias brasileiros temerários correntes. Mas esses temas e problemas são apenas o que vai evidente na arquitetura profundamente consistente, bem pensada e agradavelmente apresentada de mais de vinte anos de pesquisa objetiva e uma vida inteira de observação reflexiva de Antonio Donizeti Fernandes sobre o assunto.

Quem lê o livro inteiro e volta ao início com fins de reler, vai notando que o “*de perto*”, “*de dentro*” e “*de longe*” do esforço etnográfico empregado na análise é muito mais que pesquisa participativa. Que cada “*gato, cachorro e criança*” encontrados por Antonio Donizeti Fernandes ao longo de suas incursões por campos e aramados de bairros e favelas da cidade de Jacarezinho, norte pioneiro do Paraná, objeto geográfico do estudo, pulsam, respiram e transpiram em todas as páginas do livro.

No prefácio assinado pela doutora Christina de Rezende Rubim é possível ler que Antonio Donizeti Fernandes “*é negro, intelectual, professor, marido, pai, capoeirista e comprometido com homens e mulheres sofredores do*

mundo rural e urbano brasileiros”. Negro no Brasil... Intelectual negro no Brasil... Professor universitário negro no Brasil...

Não restam dúvidas, portanto, que o intento do livro, da pesquisa, do engajamento consiste em entender as razões que levaram seu autor, Antonio Donizeti Fernandes – e tantos outros negros no e/ou pobres Brasil –, a deixar de ser objeto *A casa e o talhão de cana*. Ou seja, a evadir a experiência social negativa permanente que é regra inconveniente na sociedade brasileira de ontem e hoje.

A resposta, no caso de Antonio Donizeti Fernandes, talvez resida na primeira frase do livro onde se lê “*dedico esta escrita à memória de Calisto, meu pai*”. O Sr. Calisto, por certo, também pulsa, respira e transpira em todas as páginas do livro. Nesse sentido, contrário às aparências, o livro despe mais o seu autor que a realidade abordada. A precariedade do cotidiano do precariado é saber sabido. Lugar-comum. O que deixa de ser é a sensibilidade do observador Antonio Donizeti Fernandes que consegue encontrar no precário um mundo em flor.

Mas vale notar que Antonio Donizeti Fernandes não é um simples autor. E esse livro, fruto de uma tese de doutoramento apresentada ao departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp em Marília, não é uma simples obra intelectual.

Ambos, Antonio Donizeti Fernandes e *A casa e o talhão de cana*, denunciam perplexos a perenidade da promiscuidade das relações de poder no Brasil. Querem revertê-la. Ou, ao menos, levar-nos a meditar. Mais uma vez. E sempre. Do contrário, vejamos.

É rico, diverso, dinâmico e lucrativo o mercado da cana-de-açúcar. O Brasil é

de longe o maior representante. Produz mais de 600 milhões de toneladas por safra e compõe 50% do mercado mundial. Movimenta mais de US\$ 10 bilhões em exportações. É o maior produtor de açúcar do planeta e um dos maiores produtores de etanol – perde apenas para os Estados Unidos. Isso vai subentendido no livro. Como também vai sugerida a importância do Centro-Oeste e do Sudeste brasileiros na produção canavieira nacional. Mas o foco da análise recai sobre o Médio Paranapanema. Na fronteira entre São Paulo e Paraná. Mais especialmente nas cidades de Ourinhos e Jacarezinho. Onde se produz e onde se corta a cana. Onde é o talhão de cana que adensa as pessoas que interessam ao estudo.

Muitos desses trabalhadores da cana vinham de longe. Minas Gerais, Alagoas, Paraíba. Com o tempo foram ficando. Antonio Donizeti Fernandes acompanhou, de 2009 a 2012, esses novos locais que ficaram em Jacarezinho. Aqueles que mudaram a

fisionomia da cidade, especialmente em suas periferias. Como resultado, *A casa e o talhão de cana* atende a dispersas demandas.

Antropólogos logo nele entenderão o intento em forjar gramáticas, sistemas padrões sociais. Sociólogos vão se deparar com uma sofisticada apreensão e adaptação de Pierre Bourdieu e Henri Lefebvre. Historiadores de plantão terão a oportunidade de vislumbrar a sobreposição de diversas temporalidades e durações da história do Brasil e do Paraná. Geógrafos e economistas também encontrarão temas de discussão. O leitor interessado em geral – a quem o livro vai endereçado – vai descobrir o que fazem e como vivem bóias-frias, volantes, safristas, cortadores de cana depois do talhão de cana: lutam para sobreviver.

Recebido em 2017-08-22
Publicado em 2017-10-05



DANIEL AFONSO DA SILVA é Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e pós-doutor em Relações Internacionais pelo *Centre de recherches internationales da Sciences Po de Paris*